



**José Godoy**

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

## Libelo a favor do livro físico

Os dias andam agitados. Cada vez mais tecnológico, o leitor se divide. Ler? Em qual formato? Qual o seu aparelho? Kindle, iPad? A gigantesca oferta de títulos não dá chance a dúvidas. Na livraria virtual, gregos, romanos, Camões e Cervantes são ícones, alcançáveis por um clique. “Baixar ou não baixar”, essa é a questão. A leitura, um detalhe. O colecionismo digital é a tônica dos dias.

É um sintoma contemporâneo a oferta excessiva. No mundo dos livros, o que era limitado por parâmetros físicos: estoques, prateleiras, tamanho das mochilas, passa a ser ilimitado. O novo suporte – arquivos hipercondensados – permite armazenar o acervo da livraria preferida em aparelhos que cabem no chaveiro. Pode-se tudo, a qualquer momento.

Se o livro físico podia ser um fetiche, o livro digital não dá chance ao prazer do objeto guardado à vista. “Quer ver o meu ícone dos *Lusíadas*?” não soa tão bem quanto o velho álibi de entregar em mãos um livro bem escolhido, ato saaz para uma corte bem feita.

E o que dizer de nossas mesas de cabeceira? As pilhas que nunca vencemos, ocupadas por títulos que sonhamos em ler, que ganhamos ou compramos impetuosos como se fossem a chave para aplacar nossos dilemas existenciais. Abriremos mão de observá-las, em troca do secreto prazer de imaginar que tudo o que desejamos repousa num aparelho inanimado que levamos em nossas bolsas, pastas?

Afinal, é disso de que falo. Livros têm alma, são seres anima-

dos. Não podem simplesmente ser apagados ao tocarmos os botões de eletricidade, quando deles nos afastamos. Habitam sim nossa profunda estima, arquivando reflexões e sentimentos de velhos amigos, que em verdade já são nossos, fruto dessa estranha simbiose que une o que lemos e o que pensamos.

Quando tocamos a superfície do livro somos movidos por essa evidência – tratamos o livro como a um igual. E negue, quem puder e se realmente gosta de ler, quem nunca acarinhos a capa de um livro como a face de um ser amado, após a última página de uma obra inesquecível.

Pois habitamos e seguimos todos a correr pelo mundo tridimensional em que os dias escorrem. Por esse mundo cheio de som e fúria, como aquele rapaz de Stratford-upon-Avon nos soprou séculos atrás. Acarinhamos superfícies. Sentimos cheiros, aproximamos lembranças e pessoas dos nomes que preenchem na vertical as lombadas que nos acenam à distância. Você ainda se lembra daquela viagem inesquecível? É claro! A livraria de uma cidade desconhecida, discreta, mas convidativa. Anfitriã perfeita do que sentia naquele dia. E você a obedecer, se aproxima e passa a percorrer suas seções como em uma casa de sonhos. Adentra capas, seus dedos sentem a gramatura do papel. O cheiro das páginas encadeadas sussurra segredos impronunciáveis aos sentidos. Este é o livro que sempre desejara. Como não retirá-lo do convívio de seus pares? Prometer, sem escrúpulos, uma vida nababesca em seu cômodo preferido. Simplesmente pela oportunidade de ao longo de seus pró-



## Folhear suas páginas, sentir seu cheiro, acarinhar sua capa ao final de uma leitura prazerosa: é isso que a era digital nos quer roubar

ximos dias associá-lo àquele momento inesquecível.

Longe de negar as virtudes e facilidades que a alta tecnologia nos oferece, o que se coloca aqui se inscreve em outra ordem. A do desejo de nos afastar da tormenta que o excesso de velocidade nos causa, da ansiedade que a perpetuidade do tempo presente nutre. Diminuir enfim, mesmo que por alguns instantes perfeitos, a dependência dos mais diversos equipamentos que toma nossos dias. O que se propõe é um refúgio, contraponto, ponto de fuga a contrabalançar o que é incontornável.

À parte de qualquer teleologia, simplesmente fazer sem finalidade, sem esperar resultados, retornos mensuráveis. Nenhum ganho além do prazer. É só você, seu livro e seu sofá, sua canga na praia, sua rede. Afinal, por qual caminho o hábito de ler livros irá escrever seus próximos passos, é pergunta que mesmo Tirésias ou Zaratrusta teriam suas dúvidas. O colunista, porém, ser dado a devaneios tropicais, aposta sempre nessa fantástica invenção de papel colado e costurado. E colocando suas melhores cartas na mesa, cacifa mais alto. Aposta tudo no papel do poema nesta nova ordem.

O poema? Mas o que o poema, caro colunista, tem a ver com todo esse papo?

*Ad hoc* tudo. Afinal o poema não se inscreve na lógica pragmática que nos governa. A ele não interessa a velocidade, a disponibilidade imediata, a tão afamada portabilidade. E justamente por essa característica intrínseca, não é passível de ser adaptado a novos meios. O poema é inflexível e

irremovível. Exige de quem dele se aproxima disponibilidade, entrega. Nunca o inverso. Como contrapartida funciona como câmara de descompressão, em que o que se agita, cessa, nos permitindo recuperar o velho ato de observar, algo que o excesso de velocidade impede.

É como se o livro de poemas fosse assim como uma máquina do tempo. Recuperando nossas antigas sensações, nossos desejos esquecidos. Gente que se perdeu em nossa trajetória em algum buraco da memória. Versos grifados a lápis que surpresos reencontramos como cartas que tivéssemos enviado a nós mesmos. Cicatrizes que carregamos de nossa história emocional, que como tatuagens queremos exibir. A esse material precioso nem o homem tecnológico, nem suas bugigangas têm acesso.

E melhor ainda do que quaisquer justificativas é saber que delas abdicamos. Afinal, o poema (o livro de velhos poemas) não está aqui para nada. Além e aquém da utilidade das coisas. Ele apenas existe. E aí é que reside a sua potência. Longe do mundo das utilidades, em última análise é, e sempre foi inútil. Por consequência, está imune à obsolescência. Ou, como bem escreveu João Cabral, em verso famoso, em tantas cadernetas anotado: “Mas fazer o inútil sabendo/ que ele é inútil, e bem sabendo/que é inútil e que seu sentido/não será sequer pressentido,/fazer: porque ele é mais difícil/do que não fazer, e difícil-/mente se poderá dizer/com mais desdém, ou então dizer/ mais direto ao leitor Ninguém/ que o feito o foi para ninguém.”

Enfim, é como me sinto.

†